Volume II

Quinta Parte – 1

Momentos que antecederam meu enforcamento

"Enxame, ataque, ataque, enxame,
Vá, vá, minha roca!
Dê sua corda para o carrasco
Assobiando no pátio ... "[1]

Assim cantava a velha bruxa em *Notre Dame de Paris*!

Então, cantava para mim noite e dia, e por muitas noites e muitos dias, a vozinha fina que sempre tocava dentro de mim, ora em uma melodia, ora em outra, mas sempre as mesmas palavras – aquele refrão terrível que costumava me assombrar, mesmo quando era um garoto de escola em Bluefriars!

Oh, para ser, novamente, um menino de escola com um longo casaco cinza e ridículas meias rosa – inocente e livre – com Esmeralda como meu único amor, e Athos, e Porthos e D'Artagnan[2] como meus amigos íntimos, e nenhuma tribulação pior do que dizer, numa tarde de sábado, que já tinha o terceiro volume em mãos– já lendo o *volume três*.

* * * * *

Às vezes, me lembro, mal conseguia dormir em um domingo à noite, por pena do pobre coitado que estava para ser enforcado logo na segunda-feira de manhã; veja que ponto cheguei!

* * * * *

Oh, Maria, Maria, Duquesa das Torres, doce amiga da minha infância e amor da minha vida, o que você deve pensar de mim agora?

---

[1] N.T.: da obra "O Corcunda de Notre Dame", de Victor Hugo
[2] N.T.: da obra "Os Três Mosqueteiros", um romance histórico escrito pelo francês Alexandre Dumas.

* * * * *

Quão abençoados são os fiéis! Como deve ser bom confiar em Deus e no paraíso, e no perdão dos pecados, e ser como uma pequena criança em tudo, exceto na inocência! Toda uma carreira destruída por um crime, em um momento, apenas por um pequeno ato mental ordinário de fé na décima primeira hora, no terror extremo da dissolução bem merecida; e todo o mal que fomentou durante a vida (que continua gerando o mal por séculos) tirado dos ombros como uma roupa suja, e jogado de lado, em qualquer lugar, de qualquer maneira, para infectar os outros – que não contam.

Que importa se for um paraíso dos tolos? O paraíso é o paraíso, para quem o possui!

* * * * *

Dizem que um tocador de tambor siciliano, durante a ocupação francesa de Palermo, foi condenado ao fuzilamento. Era um covarde notório e se temia que desonraria seu país no último momento na presença dos soldados franceses, que costumavam ser fuzilados por vontade própria e com o coração leve: já haviam se acostumado a isto.

Em homenagem à Sicília, na mais estrita confidencialidade, seu confessor lhe disse que sua sentença era zombeteira e que seria alvejado com cartuchos de festim.

Foi uma fraude piedosa. De todos os dozes cartuchos, exceto dois deles não tinham balas e ele caiu, crivado por completo. Nenhum francês jamais morreu com o coração mais leve, com elegância. Ele foi excelente e a honra nacional foi salva.

Triplamente feliz o principal tocador de tambor Siciliano, se a história for verdadeira! Aquela confiança em cartuchos de festim era seu paraíso.

* * * * *

Oh, é um trabalho árduo ser uma pessoa que pode suportar a dor e o sofrimento sem demonstrar seus sentimentos ou reclamar, quando chega o momento e forte e

rapidamente lhe puxam[3] – mas quando o puxão dura mais de um momento, dias e noites, dias e noites! Oh, feliz major tocador de tambor siciliano!

* * * * *

Orar? Sim, rezarei à noite e de manhã, e durante todo o dia, por tudo o que resta de força e coragem herdadas, naquela criança azarada e abandonada, Peter Ibbetson; que ainda pode sustentá-lo um pouco; para que não se desonre no banco dos réus ou na forca.

* * * * *

Arrepender-se? Sim, de muitas coisas. Mas do que estou aqui? Nunca!

* * * * *

É uma coisa horrível ser juiz, júri e algoz ao mesmo tempo e, que por um erro pessoal e particular, condenar, golpear e matar.

A pena vem depois, quando já é tarde demais, felizmente, a miserável fraqueza da piedade! Pooh! Não Calcraft[4] jamais terá pena de mim, e eu não quero que ele tenha.

* * * * *

Ele estava com sua faca longa e sinuosa contra minha bengala; também era um homem grande e forte, tinha uma autodefesa muito hábil! Ele caiu, e eu o golpeei duas vezes seguida. “Ó meu Deus! Ó Cristo!” ele gritou….

“Isso vai ressoar em meu coração e em meus ouvidos até eu morrer - até eu morrer!”

* * * * *

Não havia tempo a perder – não havia tempo para pensar em melhorar. Era melhor deixar como está. O que ele não teria dito se tivesse vivido!

---

[3] N.T.: referindo-se ao momento da forca, que era uma das condenações à morte naquela época por assassinato.
[4] N.T.: William Calcraft era um carrasco inglês do século XIX, um dos mais prolíficos carrascos britânicos. Estima-se em seus 45 anos de carreira que ele realizou 450 execuções.

* * * * *

Graças a Deus, piedade não é remorso ou vergonha; e que crime poderia ser pior do que o dele? Para roubar a um morto amado da sua justa vergonha!

* * * * *

Talvez, ele possa ter ficado louco e cresceu a tempo de acreditar nas mentiras que dizia a si mesmo. Essas coisas acontecem. Porém, tal homem louco não deveria viver mais do que um cachorro louco. A única maneira de matar a mentira era matar o mentiroso – isto é, se é que alguém pode matar uma mentira!

* * * * *

Pobre verme! Depois de tudo, ele não podia evitar, suponho! Ele nasceu assim! E eu nasci para matá-lo por isso e ser enforcado. ' [Grego: Anagkae]!

Que saída para “Gogo — bom e pequeno Gogo!”

* * * * *

Bem em frente a essa parede, do outro lado de lá, existia uma pequena loja de miúdos e partes internas de carnes animais, mantida por uma filha muito adorada pelo povo, tão bela e boa aos meus olhos que teria feito um pedido para ser minha esposa. O que ela pensaria de mim agora? Isso eu deveria ter ousado aspirar! Que rei Cophetua[5]!

* * * * *

O que todo mundo pensa? Eu nunca posso respirar a real causa para uma alma.

Apenas duas mulheres conhecem a verdade e tomarão muito cuidado para não dizer.

Graças a Deus por isto!

---

[5] N.T.: O rei Cophetua e a pedinte é uma pintura de 1884 do artista pré-rafaelita Edward Burne-Jones com características do Medievalismo e do Esteticismo. A pintura ilustra a história de "O rei e a mendiga", que conta a lenda do príncipe Cophetua que se apaixonou à primeira vista pela pedinte Penelophon.

O que importa o que alguém pensa? “Será tudo igual daqui a cem anos”. Esse é o provérbio mais sensato já inventado.

* * * * *

Mas enquanto isso!

* * * * *

O juiz coloca o boné preto, e é tudo para você! Todos os olhos estão fixos em você, tão grandes, jovens, fortes e cheios de vida! Ugh!

* * * * *

Eles algemam você, e você tem que andar e ser um homem, e o capelão exorta, ora e tenta confortar. Em seguida, uma multidão; pessoas de frente para você, que tinham se alimentado, bebido e se divertido, esperando *por você*! Um capuz é colocado sobre seus olhos – oh, horror! horror! horror!

* * * * *

“Felicidade ao major tocador de tambor da Sicília!

* * * * *

“É necessário lavar sua roupa suja em família, e é isso que eu fiz.

Mas vai me custar muito caro! “

* * * * *

Eu faria tudo de novo? Oh, espero que sim!

* * * * *

Ah, ele morreu muito rápido; eu desferi aqueles quatro golpes em menos de alguns segundos. Passaram-se cinco minutos, talvez – ou, no máximo, dez – desde o momento em que ele entrou na sala até quando acabei com ele e fui pego em flagrante. E eu – que longa agonia!

Oh, se eu pudesse sonhar uma vez mais um “sonho verdadeiro” e ver meu querido povo mais uma vez! Mas parece que perdi o poder de sonhar de verdade desde aquela noite fatal. Eu tento e tento, mas não consigo. Meus sonhos são terríveis; e, oh, o *despertar*!

* * * * *

Afinal, minha vida até agora, exceto por alguns anos felizes de infância, não valeram a pena ser vivida; é muito improvável que nunca teria sido, se eu tivesse vivido até cem anos! Oh, Mary! Mary!

* * * * *

E servidão penal! Melhor qualquer tipo de morte do que isso. É bom que, assim, o meu segredo morre comigo – que não haverá circunstâncias atenuantes, nenhuma recomendação à misericórdia, nenhuma comutação da rápida pena de morte.

“Corra, corra ... Corra para a sua corda para o carrasco!”

Por meio de pensamentos monótonos, e outros tão sombrios e sem esperança, recorrendo continuamente à mesma coisa, ludibriei o tempo terrível que se interveio entre a morte de Ibbetson e meu julgamento em Old Bailey[6].

Tudo parece muito trivial e sem importância agora – não vale a pena registrar – até mesmo difícil de se lembrar.

Contudo, na época a minha miséria era maior, meu terror do cadafalso ou forca era tão doloroso, que a cada dia eu pensava que morreria de pura dor, antes mesmo que as outras vinte e quatro horas pudessem passar por mim.

A grande tensão ficaria cada vez mais severa até que um clímax de tensão fosse alcançado, e uma explosão histérica de lágrimas me aliviaria por um tempo, e eu me sentiria reconciliado com meu destino e capaz de enfrentar a morte como um homem...

---

[6] N.T.: O Tribunal Central Criminal ou Central Criminal Court na Inglaterra, vulgarmente conhecido como Old Bailey, a partir da rua em que está situado, é um edifício do tribunal em Londres, um de uma série de edifícios onde se estabelece a Corte da Coroa.

Então a angústia gradualmente se apossaria de mim novamente, e a fraqueza incontrolável da carne….

Enquanto durou cada um desses dois estados de espírito, fez o outro parecer impossível como se nunca pudesse voltar novamente; contudo, voltou com a regularidade de uma maré – a gangorra mais angustiante que já existiu.

Sempre fui deste jeito, instável; mas enquanto eu oscilava entre grande euforia e desânimo, agora oscilava num desespero tolo e de renúncia para a mais selvagem agonia e terror.

Procurei em vão o único conforto que eu poderia buscar; porém, já extenuado pelo sofrimento, eu finalmente adormeci; não pude mais realizar o sonho verdadeiro; eu só conseguia sonhar como sonham outros miseráveis.

Sempre sonhei que aqueles dois carcereiros dançantes e deformados, marido e mulher, finalmente tinham me apanhado; e gritava tão alto para que minha amada duquesa me socorresse, enquanto eles correram, cada um me atacando de um lado, mostrando suas bocas sem dentes em um sorriso negro e me envenenando com seu hálito azedo e quente! O portão e a avenida estavam lá, distorcidos e totalmente diferentes; e, em frente, uma prisão; mas nenhuma Duquesa das Torres poderosa para afastar o horror.

* * * * *

Talvez alguns se lembrem do quão curto foi meu julgamento.

A alegação de “inocente” foi feita por mim. A defesa montada foi sobre a insanidade, baseada na ausência de qualquer motivo adequado. Essa defesa foi logo descartada pela promotoria; pois, testemunhas de minha sanidade não faltavam, e motivos suficientes foram encontrados em minhas relações anteriores com o coronel Ibbetson para “fazer de mim – um homem violento, taciturno e de natureza vingativa – e manchar minhas mãos no sangue de meu parente e benfeitor – um homem velho o suficiente para ser meu pai – que, de fato, poderia ter sido meu pai, pelo amor que ele me concedeu, com seu nome de honra, quando eu fui deixado era um órfão estrangeiro e sem um tostão nas mãos”.

Aqui as minhas risadas eram altas e longas e causei uma impressão muito dolorosa, como está devidamente registrado nos relatórios do julgamento.

No início da tarde do segundo dia, o júri me considerou culpado, sem sair do plenário; e eu, “preservando até o fim a atitude insensível e impassível que carreguei durante todo o julgamento”, fui devidamente condenado à morte sem qualquer esperança de misericórdia, mas com uma expressão de pesar por parte do juiz – um juiz famoso em enforcamento – que um homem com minha educação e compromisso deveria ser levado por sua própria natureza maligna e paixões incontroláveis a um fim tão deplorável.

Agora, saber se a pior das certezas é melhor do que o suspense – se meus nervos de dor foram tão exercitados durante o período anterior ao meu julgamento que eu realmente fiquei insensível, o mesmo como se diz, as costas de um homem após uma certa quantidade de carícias do “gato” – é claro que eu sabia do pior, e concordei com uma sensação surpresa de alívio real, e eu descobri que não era insuportável.

Este, pelo menos, era meu humor naquela noite. Eu aproveitei ao máximo. Foi quase felicidade em comparação com o que eu havia passado. Lembro-me de comer com uma cordialidade que me surpreendeu. Eu poderia ter ido direto do meu jantar para a forca e morrido com o coração leve e de boa vontade – como um major tocador de tambor siciliano.

Resolvi escrever toda a história verdadeira para a Duquesa de Torres, com uma confissão de minha longa e dramática adoração por ela, e a expressão de esperança de que ela tentaria pensar em mim apenas como seu antigo companheiro de brincadeiras, e como ela tinha me conheceu antes deste terrível desastre. E pensando na carta que escreveria até muito tarde, adormeci na minha cela, com dois guardas a zelar por mim; e então ... começou outra fase da minha vida interior.

* * * * *